**ALUNO (A):**


## DATA: / / 2019

**LISTA DE EXERCÍCIO-LITERATURA**

# SÉRIE: 1º ANO

# 1º BIMESTRE

## PROFESSOR (A): KELLY

**Nota:**

**Leia este poema de Vinícius de Morais:**

*Soneto Do Maior Amor*

[Vinicius de Moraes](http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/)

*Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.*

*E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.*

*Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer – e vive a esmo*

*Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

**Responda:**

Que características permitem identificar este texto como um soneto?

Quantos versos têm esse soneto? Faça a divisão métrica dos versos, apontando o tom e o esquema de rimas.

Faça um resumo das ideias desenvolvidas no soneto.

Classifique as estrofes quanto ao número de sílabas.

**Faça a escansão dos versos a seguir e classifique-os quanto ao número de sílabas métricas.**

*Quando levares, Marília,*

*Teu ledo rebanho ao prado,*

*Tu dirás: aqui trazia*

*Dirceu também o seu gado.*

 (Tomás Antônio Gonzaga)

*No quarto de hotel*

*A mala se abre: o tempo*

*Dá-se em fragmentos.*

 (Carlos Drummond de Andrade)

 *Uma ocasião, meu pai pintou a casa toda*

*de alaranjado brilhante.*

*Por muito tempo moramos numa casa,*

*como ele mesmo dizia,*

*constantemente amanhecendo.*

(Adélia Prado)

**Faça a escansão dos versos e diga a classificação dos mesmos:**

“Estou deitado sobre  minha mala”

“Ah! Quem há d*e e*xprimir, alma imponent*e e e*scrava” (Olavo Bilac)

“A nuvem guarda o pranto” (Alphonsus de Guimaraens)

“Tu choraste em presença da morte” (G. Dias)

“Vagueio campos noturnos” (Ferreira Gullar)

“Não sei quem seja o autor” (B. Tigre)

“e a boca é um pedaço de qualquer tecido vermelho.”  (Manuel de Fonseca)

Quero a alegria de um barco voltando.

“Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto”  (V. Moraes)

“Brilhava o sol, quente e a má”

“Amou daquela vez como se fosse a última” (Chico Buarque)

Analise os três textos abaixo:

**Texto I – Maria Chiquinha – Sandy e Junior**
*O que que você foi fazer no mato, Maria Chiquinha?
Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem
Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?
Era filha de Sádona, Genaro, meu bem
Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha
Ela tava comendo jamelão, Genaro, meu bem (...)*
**Texto II – Velha Infância - Tribalista**
*Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito...

Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo
É o meu amor... (...)*

**Texto III - Dezesseis – Legião Urbana**
*João Roberto era o maioral, o nosso Johny era um cara legal. /Ele tinha um opala metálico azul, era o rei dos pegas na asa sul , e de todo lugar. /Quando ele pegava no violão, conquistava as meninas e quem mais quisesse ver, /Sabia tudo da Janis, do Led Zeppelin, dos Beatles e dos Rolling stones,/Mas de uns tempos pra ca, meio sem querer, alguma coisa aconteceu/ Johny andava meio quieto demais, só que quase ninguém percebeu, oh,oh,oh/ Johny estava com um sorriso estranho, quando marcou um super pega no fim-de-semana,/ Não vai ser no casebre, nem no lago norte, nem na UNB/ As máquinas prontas, um ronco de motor / a cidade inteira se movimentou, /e Johny disse:-eu vou pra curva do diabo, sobradinho e vocês?/ E os motores saíram ligados ali, / Pra estrada da morte o maior pega que existiu,/ Só deu pra ouvir, foi aquela explosão, e os pedaços do opala azul de Johny pelo chão/ No dia seguinte, falou o diretor:-O aluno João Roberto, não está mais entre nós./ Ele só tinha 16, que isto sirva de aviso pra vocês./ E na saida da aula, foi estranho e bonito/ Todo mundo cantando baixinho/ Strawberryfieldsforever/ e até hoje quem se lembra,/ diz que não foi o caminhão/ nem a curva fatal, e nem a explosão/ Johny era fera demais pra vacilar assim/ E quem diga que foi tudo por causa de um coração partido/ Um coração../ Bye ByeJohny./ Johny bye bye*

**A que gênero literário (narrativo, lírico e dramático) pertencem as músicas:**Maria Chiquinha;
Velha Infância;
Dezesseis.

**As características de um texto narrativo são personagens, tempo/lugar e ações. Analise a música “Dezesseis”:**
Sobre o personagem principal, identifique-o e fale sobre a personalidade dele descrita no ínício da música.
É possível identificar quando e onde ocorreu a história?
Sobre “ações”, como podemos resumir a história apresentando o início, o meio e o fim dela?

A imagem que João Roberto aparentava correspondia com o que ele era na realidade? Explique.

João Roberto era jovem e tinha a vida toda pela frente. Você concorda com a postura e a concepção de amor dele?

**Releia o texto:**

Por que a música se chama “Dezesseis”;
Que mensagem o autor quis transmitir ao intitulá-la de “Dezesseis”.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,

So aquestas avelaneiras frolidas, (frolidas = floridas)

E quem for velida, como nós, velidas, (velida = formosa)

Se amigo amar,

So aquestas avelaneiras frolidas (aquestas = estas)

Verrá bailar. (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas, (irmanas = irmãs)

Soaqueste ramo destas avelanas, (aqueste = este)

E quem for louçana, como nós, louçanas, (louçana = formosa)

Se amigo amar,

Soaqueste ramo destas avelanas (avelanas = avelaneiras)

Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos, (mentr'al = enquanto outras coisas)

Soaqueste ramo frolido bailemos,

E quem bem parecer, como nós parecemos (bem parecer = tiver belo aspecto)

Se amigo amar,

Soaqueste ramo solo que bailemos

Verrá bailar.

Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

Confessor Medieval

(1960)

Irias à bailia com teu amigo,

Se ele não te dera saia de sirgo? (sirgo = seda)

Se te dera apenas um anel de vidro

Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,

Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito

Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,

Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,

E sem nenhum suspiro?

Cecília Meireles. Poesias completas de Cecília Meireles - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as "cantigas de amor", em que o eu-poemático representa a figura do namorado (o "amigo"), e as "cantigas de amigo", em que o eu-poemático representa a figura da mulher amada (a "amiga") falando de seu amor ao "amigo", por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras "amigas" ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã, etc.). De posse desta informação,

Classifique a cantiga de Airas Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta.

identifique, levando em consideração o próprio título, a figura que o eu-poemático do poema de Cecília Meireles representa.

A leitura da cantiga de Airas Nunes e do poema "Confessor Medieval", de Cecília Meireles, revela que este poema, mesmo tendo sido escrito por uma poeta modernista, apresenta intencionalmente algumas características da poesia trovadoresca, como o tipo de verso e a construção baseada na repetição e no paralelismo.

Releia com atenção os dois textos e, em seguida,

Considerando que o efeito de paralelismo em cada poema se torna possível a partir da retomada, estrofe a estrofe, do mesmo tipo de frase adotado na estrofe inicial (no poema de Airas Nunes, por exemplo, a retomada da frase imperativa), aponte o tipo de frase que Cecília Meireles retomou de estrofe a estrofe para possibilitar tal efeito.

Estabeleça as identidades que há entre o terceiro verso da cantiga de Airas Nunes e o terceiro verso do poema de Cecília Meireles no que diz respeito ao número de sílabas e às posições dos acentos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

SEDIA LA FREMOSA SEU SIRGO TORCENDO

Estêvão Coelho

 Sedia lafremosa seu sirgo torcendo,

 Sa voz manselinhafremoso dizendo

 Cantigas d'amigo.

 Sedia lafremosa seu sirgo lavrando,

 Sa voz manselinhafremoso cantando

 Cantigas d'amigo.

 - Par Deus de Cruz, dona, sey que avedes

 Amor muycoytado que tanbendizedes

 Cantigas d'amigo.

 Par Deus de Cruz, dona, sey que andades

 D'amor muycoytada que tanbencantades

 Cantigas d'amigo.

 - Avuytor comestes, que adevinhades.

(Cantiga nº. 321 - CANC. DA VATICANA.)

ESTAVA A FORMOSA SEU FIO TORCENDO

(paráfrase de Cleonice Berardinelli)

 Estava a formosa seu fio torcendo,

 Sua voz harmoniosa, suave dizendo

 Cantigas de amigo.

 Estava a formosa sentada, bordando,

 Sua voz harmoniosa, suave cantando

 Cantigas de amigo.

 - Por Jesus, senhora, vejo que sofreis

 De amor infeliz, pois tão bem dizeis

 Cantigas de amigo.

 Por Jesus, senhora, eu vejo que andais

 Com penas de amor, pois tão bem cantais

 Cantigas de amigo.

 - Abutre comeste, pois que adivinhais.

(In BERARDINELLI, Cleonice. CANTIGAS DE TROVADORES MEDIEVAIS EM PORTUGUÊS MODERNO. Rio de Janeiro: Organ. Simões, 1953, p. 58-59.)

Considerando-se que o último verso da cantiga caracteriza um diálogo entre personagens; considerando-se que a palavra "abutre" grafava-se "avuytor", em português arcaico; e considerando-se que, de acordo com a tradição popular da época, era possível fazer previsões e descobrir o que está oculto, comendo carne de abutre, mediante estas três considerações:

 Identifique o personagem que se expressa em discurso direto, no último verso do poema;

Interprete o significado do último verso, no contexto do poema.

 LEIA.

 Canção da Ribeirinha

No mundo ninguém se assemelha a mim

enquanto a minha continuar como vai,

porque morro por vós, e ai!

minha senhora de pele alva e faces rosadas,

quereis que vos retrate

quando vos vi sem manto!

Maldito dia! me levantei

que não vos vi feia!

E, minha senhora, desde aquele dia, ai!

Tudo me foi muito mal,

e vós, filha de bom Pai

Moniz, e bem vos parece

de ter eu por vós guarvaia,

pois eu, minha senhora, como mimo

de vós nunca recebi

algo, mesmo sem valor.

Quem importância tem a cantiga acima para o Trovadorismo?

Aponte uma característica da cantiga acima que a caracterize como cantiga de amor.

Os excertos abaixo foram extraídos do Auto da barca do inferno, de Gil Vicente.

(...) FIDALGO: Que leixo na outra vida

quem reze sempre por mi.

DIABO: (...) E tu viveste a teu prazer,

cuidando cá guarecer

por que rezem lá por ti!...(...)

ANJO: Que querês?

FIDALGO: Que me digais,

pois parti tão sem aviso,

se a barca do paraíso

é esta em que navegais.

ANJO: Esta é; que me demandais?

FIDALGO: Que me leixês embarcar.

sô fidalgo de solar,

é bem que me recolhais.

ANJO: Não se embarca tirania

neste batel divinal.

FIDALGO: Não sei por que haveis por mal

Que entr’a minha senhoria.

ANJO: Pera vossa fantesia

mui estreita é esta barca.

FIDALGO: Pera senhor de tal marca

nom há aqui mais cortesia? (...)

ANJO: Não vindes vós de maneira

pera ir neste navio.

Essoutro vai mais vazio:

a cadeira entrará

e o rabo caberá

e todo vosso senhorio.

Vós irês mais espaçoso

com fumosa senhoria,

cuidando na tirania

do pobre povo queixoso;

e porque, de generoso,

desprezastes os pequenos,

achar-vos-eis tanto menos

quanto mais fostes fumoso. (…)

SAPATEIRO: (...) E pera onde é a viagem?

DIABO: Pera o lago dos danados.

SAPATEIRO: Os que morrem confessados,

onde têm sua passagem?

DIABO: Nom cures de mais linguagem!

Esta é a tua barca, esta!

(...) E tu morreste excomungado:

não o quiseste dizer.

Esperavas de viver,

calastedous mil enganos...

tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester. (...)

SAPATEIRO: Pois digo-te que não quero!

DIABO: Que te pês, hás-de ir, si, si!

SAPATEIRO: Quantas missas eu ouvi,

não me hão elas de prestar?

DIABO: Ouvir missa, então roubar,

é caminho per'aqui.

(Gil Vicente, Auto da barca do inferno, em Cleonice Berardinelli (org.), Antologia do teatro de Gil Vicente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.)

Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?

Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

Na seguinte cena do Auto da Barca do Inferno, o Corregedor e o Procurador dirigem-se à Barca da Glória, depois de se recusarem a entrar na Barca do Inferno.

Corregedor: Ó arrais dos gloriosos, passai-nos neste batel!

Anjo: Ó pragas pera papel, pera as almas odiosos!

Como vindes preciosos,

sendo filhos da ciência!

Corregedor: Ó !habeatis clemência

e passai-nos como vossos!

Joane (Parvo): Hou, homens dos breviairos,

rapinastiscoelhorum

etpernizperdiguitorum

e mijais nos campanairos !

Corregedo:r Ó! Não nos sejais contrairos,

Pois nom temos outra ponte!

Joane (Parvo): Beleguinisubi sunt?

Ego latinusmacairos.

pera: para

habeatis: tende

homens dos breviairos: homens de leis

Rapinastiscoelhorum/Et pernizperdiguitorum:

Recebem coelhos e pernas de perdiz como suborno

Beleguinisubisunt?: Onde estão os oficiais de justiça?

Ego latinusmacairos: Eu falo latim macarrônico

(Gil Vicente, Auto da Barca do Inferno. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 107-109.)

De que pecado o Parvo acusa o homem de leis (Corregedor)? Este é o único pecado de que ele é acusado na peça?

Com que propósito o latim é empregado pelo Corregedor? E pelo Parvo?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

AUTO DA LUSITÂNIA

 Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu; e logo após ele um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém, e diz:

- Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo:

- Mil cousas ando a buscar:

delas não posso achar,

porém ando perfiando,

por quão bom é perfiar.

Ninguém:

- Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo:

- Eu hei nome Todo o Mundo,

e meu tempo todo inteiro

sempre é buscar dinheiro,

e sempre nisto me fundo.

Ninguém:

- E eu hei nome Ninguém,

e busco a consciência.

(Berzebu para Dinato)

- Esta é boa experiência!

Dinato, escreve isto bem.

Dinato:

- Que escreverei, companheiro?

Berzebu:

- Que Ninguém busca consciência

e Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)

- E agora que buscas lá?

Todo o Mundo:

- Busco honra muito grande.

Ninguém:

- E eu virtude, que Deus mande

que tope co ela já.

(Berzebu para Dinato)

- Outra adição nos acude:

escreve aí, a fundo,

que busca honra Todo o Mundo,

e Ninguém busca virtude.

Ninguém:

- Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo:

- Busco mais quem me louvasse

tudo quanto eu fizesse.

Ninguém:

- E eu quem me repreendesse

em cada cousa que errasse.

(Berzebu para Dinato)

- Escreve mais.

Dinato:

- Que tens sabido?

Berzebu:

- Que quer em extremo grado

Todo o Mundo ser louvado,

E0 Ninguém ser repreendido.(...)

(Todo o Mundo para Ninguém)

- E mais queria o paraíso,

semmo ninguém estorvar.

Ninguém:

- E eu ponho-me a pagar

quanto devo pera isso.

(Berzebu para Dinato)

- Escreve com muito aviso.

Dinato:

- Que escreverei?

Berzebu:

- Escreve

que Todo o Mundo quer paraíso,

e Ninguém paga o que deve.

(VICENTE, Gil. Farsa Chamada "Auto da Lusitânia". In: Obras de Gil Vicente. Porto:

Lello& Irmão, 1965, pp. 452-453.)

Na cena da farsa AUTO DA LUSITÂNIA atuam os personagens Todo o Mundo e Ninguém, e, intercaladamente, Berzebu e Dinato. Os diálogos entre estes dois últimos estabelecem uma ambiguidade semântica com respeito aos dois primeiros. Releia o texto e responda:

Explique a ambiguidade que adquirem os nomes Todo o Mundo e Ninguém.